

OS BRICS E SUA RELAÇÃO COM AS DUAS MAIORES ECONOMIAS GLOBAIS¹

Renato Baumann²

INTRODUÇÃO

O crescimento pronunciado da economia chinesa nas últimas décadas permitiu uma aproximação do valor aí produzido ao nível registrado pela economia dos Estados Unidos. Algumas estimativas otimistas ressaltam a superação da China quando o produto nacional é medido em termos de paridade do poder de compra, e há estimativas de que esse valor possa vir a superar o produto bruto dos Estados Unidos em termos nominais dentro de alguns anos.

Essa aproximação de capacidade produtiva em pouco tempo, assim como as diferenças em termos do ritmo de crescimento do progresso tecnológico nas duas economias, têm motivado alguma preocupação e se traduzido na adoção de medidas de estímulo interno nos Estados Unidos, com forte conotação protecionista.

A China é membro fundador dos BRICS, e de longe seu principal participante. Mais que isso, boa parte dos demais países participantes do grupo tem uma relação deficitária no comércio com a China, sendo a principal exceção a economia brasileira.

¹ DOI: <https://dx.doi.org/10.38116/pbdinte28>

² Técnico de planejamento e pesquisa na Diretoria de Estudos Internacionais do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Dinte/Ipea).
E-mail: renato.baumann@ipea.gov.br.

Num cenário internacional em que o peso alcançado por uma economia se aproxima dos níveis consolidados há tempos pela principal potência global, e em que tal aproximação motiva reações defensivas por parte desse país hegemônico – como tem sido possível registrar nos últimos anos –, há naturalmente uma preocupação quanto às pressões potenciais sobre os demais países, para que se alinhem de maneira mais explícita a um ou outro desses parceiros maiores.

Além disso, o motivo que levou à criação dos BRICS, e que continua a ser o *leit motiv* do grupo, é influenciar, de alguma forma, os padrões de governança global. A princípio, isso pode afetar interesses de parte da economia hegemônica. Num cenário como esse, as pressões para um eventual alinhamento de posições pode se tornar ainda mais intenso. Os vários membros do grupo podem se tornar objeto de algum tipo de retaliação caso as decisões adotadas venham a ser entendidas como daninhas aos interesses de países terceiros.

DISCUSSÃO SOBRE OS DADOS

Essas considerações iniciais evidenciam a relevância de uma visão geral das relações dos países membros do BRICS com as duas principais economias do planeta, os Estados Unidos e a China, como base para avaliar, comparativamente, a intensidade das relações comerciais dos países do grupo com cada uma dessas potências.

Em primeiro lugar, nota-se uma indicação da importância relativa do volume de comércio com cada um dos dois parceiros. A tabela 1 mostra que o volume de comércio com os Estados Unidos é menos expressivo do que o volume de comércio com a China para todos os membros do BRICS, com a ressalva de que a fonte dos dados não traz informações relativas à Rússia para o período.

Essa concentração geográfica das transações comerciais, se, por um lado, pode contribuir para fortalecer a coesão do grupo em relação a alguns temas, ao mesmo tempo aumenta seu “grau de exposição” a eventuais medidas retaliatórias externas.

TABELA 1
Volume de comércio
(Em %)

	China	Estados Unidos
Brasil		
2022	25	14,8
2023	27	13,1
China		
2022	-	12,1
2023	-	11,2
Índia		
2022	10	11,1
2023	13	10,7
África do Sul		
2022	15	8,1
2023	16	8,0

(Continua)

(Continuação)

	China	Estados Unidos
Egito		
2022	11	6,2
2023	11	5,9
Etiópia		
2022	26	7,3
2023	29	6,8
Irã		
2022	27	0,1
2023	-	-
Arábia Saudita		
2022	8	3,4
2023	18	6,6
Emirados Árabes Unidos		
2022	8	3,5
2023	8	3,9

Fonte: UN/Comtrade.

Nos últimos meses um conjunto de barreiras comerciais tem sido implementado pela atual administração norte-americana com base na análise dos resultados comerciais obtidos por cada país nas suas relações com os Estados Unidos. Assim, os saldos comerciais bilaterais parecem ser um elemento observado com detalhe por parte das autoridades.

TABELA 2
Saldo comercial
(Em US\$ 1 bilhão)

	China	Estados Unidos	Total
Brasil			
2022	22,0	-16,2	42,1
2023	48,3	-2,7	87,0
China			
2022	-	403,8	877,6
2023	-	336,1	823,0
Índia			
2022	-87,2	28,5	-279,9
2023	-105,7	33,7	-240,7
África do Sul			
2022	-10,8	2,5	9,7
2023	-9,4	-0,9	3,5
Egito			
2022	-12,9	-4,7	-44,1
2023	-12,0	-3,4	-41,1
Etiópia			
2022	-4,8	-0,8	-13,5
2023	-5,4	-0,8	-14,2

(Continua)

(Continuação)

	China	Estados Unidos	Total
Irã			
2022	6,9	-0,1	22,2
2023	-	-	-
Arábia Saudita			
2022	-29,8	-14,1	221,3
2023	9,8	-3,3	113,1
Emirados Árabes Unidos			
2022	-57,1	-9,9	95,1
2023	-68,1	-13,3	99,7

Fonte: UN/Comtrade.

A tabela 2 mostra que tiveram saldo positivo no comércio bilateral com a China, apenas:

- o Brasil, nos dois anos considerados;
- o Irã, para o único ano para o qual há informação disponível; e
- a Arábia Saudita, em 2023.

De modo geral, os países do BRICS são deficitários em sua relação com a China.

No comércio com os Estados Unidos, apenas China e Índia apresentaram superávit comercial, e com duas importantes observações adicionais. No caso da China, a magnitude desse saldo é quase a metade do superávit comercial total do país. No caso da Índia, o superávit com os Estados Unidos se destaca num contexto de déficit comercial geral e, em particular, com a China.

CONSIDERAÇÕES GERAIS

A julgar por esses números, portanto, uma eventual “vulnerabilidade” dos BRICS a medidas retaliatórias externas seria – na medida em que o critério principal para sua adoção seja o saldo comercial bilateral – fortemente influenciada pelos resultados das transações de China e Índia com os Estados Unidos.

O grupo, de forma coordenada, deveria dar mais ênfase a essa questão, para evitar que economias já deficitárias no comércio com os Estados Unidos venham a ser penalizadas por medidas focadas no conjunto de seus países membros, sem discriminação de casos específicos.





Ipea – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

EDITORIAL

Coordenação

Aeromilson Trajano de Mesquita

Assistentes da Coordenação

Rafael Augusto Ferreira Cardoso

Samuel Elias de Souza

Supervisão

Alice Souza Lopes

Revisão

Amanda Ramos Marques Honorio

Cláudio Passos de Oliveira

Denise Pimenta de Oliveira

Emilly Dias de Matos

Gisela Carneiro de Magalhães Ferreira

Letycia Luiza de Souza

Nayane Santos Rodrigues

Reginaldo da Silva Domingos

Susana Sousa Brito

Yally Schayany Tavares Teixeira

Jennyfer Alves de Carvalho (estagiária)

Katarinne Fabrizzi Maciel do Couto (estagiária)

Editoração

Augusto Lopes dos Santos Borges

Cristiano Ferreira de Araújo

Daniel Alves Tavares

Danielle de Oliveira Ayres

Leonardo Hideki Higa

Projeto Gráfico

Danielle de Oliveira Ayres

*The manuscripts in languages other than Portuguese
published herein have not been proofread.*

Ipea – Brasília

Setor de Edifícios Públicos Sul 702/902, Bloco C

Centro Empresarial Brasília 50, Torre B

CEP: 70390-025, Asa Sul, Brasília-DF



Missão do Ipea

Qualificar a tomada de decisão do Estado e o debate público.

ipea Instituto de Pesquisa
Econômica Aplicada

MINISTÉRIO DO
PLANEJAMENTO
E ORÇAMENTO

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO